



Quem é negro aqui? o debate sobre experiências cotidianas de discriminação racial na disciplina Sociologia da Educação

O propósito destas “reflexões de campo” é apresentar e brevemente analisar depoimentos de quatro alunos que cursaram a disciplina Sociologia da Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, no segundo semestre de 2004⁶. Tais depoimentos resultaram de discussões desenvolvidas em sala de aula em torno da compreensão de raça e racismo na experiência de cada um e fazem parte de estudo mais amplo que estou desenvolvendo sobre o mesmo tema desde 2000⁷.

De acordo com o censo do IBGE de 2000, apenas 4,11% da população do Ceará se declara preta.⁸ Independentemente de como o Ceará incorporou a ideologia nacional do branqueamento e das conseqüências disso sobre sua população negra, o fato é que, por motivos particulares da colonização, a presença negra aqui sempre foi consideravelmente reduzida, sobretudo quando comparada à de estados vizinhos, como Maranhão, Pernambuco e Bahia (SILVA, 2002).

Nas discussões em sala de aula e em entrevistas mais longas com alunos selecionados, revelou-se que, apesar das especificidades da colonização, o que prevalece aqui, como em geral em todo o país (MAGGIE; FRY, 2004, SODRÉ; 1999, FREYRE, 2002), é o que Telles (2003) chamou de sistema de classificação popular, que utiliza uma nomenclatura ampla e inclui o termo “moreno”. Opostamente à idéia americana (também adotada no Brasil por vários segmentos do movimento negro) de que qualquer porcentagem de sangue negro é suficiente para tornar alguém negro, aqui, no Ceará, algumas gotas de sangue branco são suficientes para transformar qualquer índio ou negro em pardo (57,51%) ou branco (37,28%). Em Fortaleza, e em geral no litoral cearense, predomina a mistura de índios e brancos e, embora o lugar do índio seja semelhante ao do negro, a mistura do branco com o índio não se evidencia através da cor. É certo que produz características não valorizadas pela estética dominante nacionalmente,

¹ Ph.D. em Antropologia pela Universidade da Califórnia, Riverside. Professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: bernadetebeserra@yahoo.com.br

² Aluno do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: ronaldalmeidafc@yahoo.com.br

³ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: ludmilafreire@yahoo.com.br

⁴ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: marianasampa@ig.com.br

⁵ Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará. E-mail: eliabiadaniel@yahoo.com.br

⁶ Dos alunos que apresentaram depoimentos aqui, apenas Eliábia Barbosa cursou a disciplina no segundo semestre de 2005.

⁷ Desde 2001, após voltar de doutorado na Universidade da Califórnia, introduzi a discussão sobre relações raciais no Brasil nas disciplinas que ministrei nos cursos de Pedagogia, Educação Física e História. Além de a questão do racismo ter entrado no debate nacional mais fortemente desde a conferência de Durban, África do Sul, em agosto/setembro de 2001, a minha experiência de estudante de pós-graduação e de pesquisadora da imigração brasileira nos Estados Unidos, (BESERRA 1998, 2003, 2004 e 2005; BESERRA; ANDRADE, 2001) me permitiu compreender mais profundamente a lógica do racismo brasileiro. Após 2002, incluí nessa agenda o debate sobre o programa de ação afirmativa do governo Lula e o sistema de cotas para negros nas universidades.

⁸ O censo do IBGE de 2000 apresenta os seguintes números percentuais para o Ceará: brancos, 37,28%; pretos, 4,11%; amarelos, 0,14%; pardos, 57,51%; índios, 0,16%, e 0,8% não respondeu.

mas, acredita-se, mais fáceis de se esconder ou de se lidar. Salvo raras exceções, ninguém se vê como preto (4,11%) ou índio (0,16%) e a alternativa que sobra é a de que quase todos se vêem como pardos ou brancos. E aqui, obviamente, a categoria “pardo” não tem o mesmo significado que tem, por exemplo, no Rio de Janeiro ou em Salvador, uma vez que evoca a mestiçagem independentemente de sua origem, ou seja, se de brancos com negros, ou de brancos com índios, ou de todas as raças.

Observa-se, no caso de meus alunos, que as ideologias nacionais continuam a reforçar o mito segundo o qual no Brasil não há pretos ou brancos, mas brasileiros. Portanto, quando pergunto sobre a sua cor, geralmente respondem: “Ah, professora, todo brasileiro é misturado, mestiço; que cor é a minha?! Acho que sou branca, mas sei que também sou mestiça, parda”.

Embora todos insistam no fato de que a brasilidade evoca a mestiçagem, após alguns minutos de conversa sobre o tema reconhecem a discriminação e o preconceito contra os mais escuros. Mas reconhecem também que, diferentemente dos Estados Unidos, não são somente os morenos escuros ou pretos que são discriminados, os muito brancos também são.

Conseqüentemente, a “pureza racial”, branca ou negra, não é tão desejada ou motivada quanto a mestiçagem. Ser considerado “muito branco” é ruim porque o padrão de beleza nacional se baseia na mestiçagem e ser negro parece ser a última coisa que se possa almejar, uma vez que a negritude evoca o que é negativo e socialmente desvalorizado.

No segundo semestre de 2004, na minha turma de Sociologia da Educação, somente uma aluna, entre seis identificados pelos outros como negros, via-se como tal. E explicou-me o motivo da sua classificação: vê-se como negra porque percebeu que sua morenidade era muitas vezes vista como negritude. Descobriu isso ainda adolescente, quando morava em São Paulo e sua família a transferiu de uma escola pública para uma privada. De rica, na primeira, passou a pobre e negra (“nega do rabão”) na segunda. Assim, decidiu aceitar e assumir publicamente sua negritude por achar mais “libertário” (ver depoimento completo nas páginas 7-9).

Os outros cinco se vêem como morenos, apesar de ridicularizados por colegas durante a

vida escolar por serem muito escuros, ou terem cabelos muito crespos ou lábios grossos. Tânia, por exemplo, é uma morena escura⁹ que se vê apenas como morena e não entende por que o pai a chama de negra quando está com raiva.

Se até dois anos atrás somente os aspectos negativos da negritude eram ressaltados, com o programa de ação afirmativa e a instituição de um programa de cotas em algumas universidades, esse panorama mudou um pouco. Muitas pessoas que jamais pensariam em se identificar como negras estão agora assumindo suas raízes africanas e reivindicando o benefício da cota.

Observei, a partir de 2005, depois da intensificação da propaganda de valorização do negro empreendida pelo governo Lula, que, diferentemente do que acontecia nos anos anteriores, vários alunos se declararam negros. A forma como o fizeram, porém, denota a novidade da identificação, como tornou-se explícito no caso de Mara, 22 anos, morena escura, aluna da disciplina Fundamentos Antropológicos da Educação Física. À minha pergunta sobre como se classificava em termos de cor ou raça, ela prontamente afirmou: “negra”. Perguntei-lhe, então, os motivos de sua autoclassificação e ela respondeu: “Ah, eu sou negra por causa da minha cor, morena escura, e porque me identifico com a cultura e religião *deles*, dos africanos”. Parecia, portanto, tão recente a sua autopercepção como negra que, em seu discurso, nem sequer se incluía na categoria, uma vez que sempre se referia a “eles” ou “deles” e não “minha” ou “nossa”, como se esperaria.

Abaixo apresento os depoimentos de Ronaldo Almeida, Mariana Freitas, Ludmila Freire e Eliábia Barbosa. Tais depoimentos foram apresentados, sob forma de trabalho final da disciplina, após a leitura de vários textos e discussões sobre o racismo no Brasil (ver programa da disciplina no Anexo 1). Geralmente a discussão se inicia com questionário aplicado na primeira ou segunda aula (ver Anexo 2). Respostas selecionadas às questões *Qual a sua cor?* e *Por que você é dessa cor?* são interpretadas em sala e a compreensão que têm de raça e racismo vai paulatinamente se revelando. Poucos alunos têm a disposição de se engajar de modo sincero na discussão, o que é já bastante revelador da compreensão geral que têm de preconceito de cor ou racial. A pergunta *Por*

⁹ Nesse caso e em outros, em que o aluno não se atribui explicitamente certa cor, a atribuição é minha.

que você é dessa cor? é sempre recebida com ironia, uma vez que todos acham óbvios os motivos por que são da cor que declaram. Logo após a primeira discussão sobre as respostas dos questionários, percebem o sentido da pergunta. De fato, é na resposta a essa pergunta que se revela a compreensão mais profunda que têm do problema. Alguns exemplos: Gabriela, 21 anos, respondeu que é parda e explicou: "É o que as pessoas falam e eu acho que tenho características de pessoas consideradas pardas, como a boca, meus lábios são grossos, meu nariz é grande e minha pele é marron-clara". Rafaela, 21 anos, também respondeu parda e explicou: "Porque meu pai é negro e minha mãe é branca". Mas várias pessoas que se declararam brancas também ofereceram explicações semelhantes. Andréa, 23 anos, declarou-se branca e explicou: "Sou branca porque meus pais são brancos, mas considero que nenhuma raça em si é pura, portanto, acredito que sou uma mistura de raças". Angélica, 22 anos, declara-se "aparentemente branca" e diz: "Porque assim sou julgada pelas pessoas, pois tenho cabelos e olhos claros. Costumo dizer que sou uma falsa branca porque tenho muitos antepassados negros". Vejamos, nos depoimentos abaixo, como esses alunos se dispuseram a refletir sobre o tema a partir do "convite" da disciplina Sociologia da Educação.

Ronaldo Almeida

Na minha família o racismo se expressa de forma perceptível nas conversas e atitudes de meu pai. Descendente de holandeses, ele teve uma criação muito rígida e de convivência com o racismo. Seus pais eram filhos de dois primos legítimos, cujos pais eram holandeses e explicitamente racistas. Ele relata que meus avós o proibiam de brincar na rua e na escola com "negros" e posteriormente de namorar pessoas "negras" sem lhe explicarem ao certo o porquê da proibição. Infringindo essa regra, apaixonou-se e casou com minha mãe após uma gravidez não planejada, sendo, no entanto, duramente criticado por seus pais e irmãos porque minha mãe é morena. A ascendência étnico-racial de minha mãe é negra (parte paterna) e indígena (parte materna). Os traços físicos que mais se evidenciam nela são indígenas. Ela tem o cabelo liso, o que talvez tenha se constituído numa vantagem, aproximando-a dos brancos. Mas muitos problemas se seguiram.

As irmãs de meu pai quase nunca os visitavam após o casamento e, quando o faziam, eram rudes com minha mãe. Até os filhos pequenos de cor mais escura, como é o caso de meu irmão mais velho e de minha irmã mais nova, ambos com características assemelhadas às de minha mãe, eram tratados de forma diferente. Meu pai evita ao máximo conversar com minha mãe sobre questões que envolvem racismo, mas em momentos de raiva e de brigas ele acaba falando o que sente, dizendo às vezes que minha mãe "gostava muito de confusão, igual às suas irmãs 'negras'". Essa atitude preconceituosa de meu pai, porém, não era tão frequente, manifestava-se em momentos de discórdia, dada a fraqueza de seu poder de argumentação. É importante ressaltar que o tratamento que ele destina aos filhos, até hoje, é igualitário. Não há relatos ou fatos que eu tenha presenciado de meu pai discriminando os filhos em função de serem mais claros ou mais escuros. Essas investidas "racistas" aconteciam apenas em relação à minha mãe e às pessoas de fora de casa.

O que pude perceber com o tempo é que o preconceito de meu pai está mais relacionado ao "negro" com todas as características da negritude juntas, cor e traços. Ele confessou certa vez que já havia namorado uma negra, quando morava no Rio de Janeiro, em 1960. Comenta que ficou com ela porque ela era "aflada", portanto, bonita. Em certa ocasião, eu e ele trocamos algumas idéias sobre racismo, após uma reportagem na TV que falava sobre como alguns jogadores de futebol sofriam discriminação racial. Ele se lembrou de um episódio ocorrido com a esposa de um de seus irmãos. Num certo momento da discussão, ele comentou: "Eu não tenho nada contra negro! O que eu não gosto mesmo é do negro abusado!". Segundo ele, essa minha tia que é "negra", de cor e de traços, o havia tratado mal. Ele não entrou em detalhes sobre o acontecido, mas pude concluir que, na sua mentalidade, essa cunhada "negra" não poderia ter sido, ou não teria o direito de ser, "abusada" com ele. Sobre os jogadores de futebol ele disse: "Eu não tenho nada contra 'negro', mas o 'negro' é que faz o racismo: porque eles, jogadores de futebol, não se casam com mulheres 'negras'? A maioria deles só se casa com loiras...!" Ao observar esse comentário, percebi que meu pai relutava em admitir seu próprio racismo, oriundo de sua formação familiar. Embora sua justificativa inicial sempre seja: "Eu não tenho nada contra 'negro'", fica evidente o preconceito.

Certa vez, minha irmã mais velha começou a namorar um rapaz negro, de traços e de cor, divorciado, com um filho do casamento anterior e de idade superior à dela. Meu pai, numa conversa informal comigo e minha mãe, criticou fortemente a cor do rapaz, alegando que os filhos dessa relação sairiam “misturados”, o que seria constrangedor para todos na família. Ele usou a expressão: filhos “não puros” seriam o resultado desse cruzamento. Então eu intervi e perguntei a ele que diferença faria a mistura de raças quando o que deve ser levado em consideração é o ser humano na sua totalidade - caráter, personalidade, sucesso pessoal e profissional etc. Meu pai ficou calado por alguns instantes, mas voltou a ratificar a alegação acima, dizendo que a sociedade não aprova a mistura de raças e que minha irmã certamente teria muitos problemas decorrentes disso. Em outra ocasião, ele argumentou que o fato de as pessoas falarem demais sobre racismo contribuía para aumentar a discriminação, porque é uma maneira de despertar o preconceito nas pessoas.

Mas, quando essas questões surgem, nós, em casa, não perdemos a oportunidade de refletir sobre as mesmas e de tentar desfazer essa mentalidade racista explícita de meu pai, sem dúvida alguma adquirida na sua educação familiar. E isso contribui também para que os demais componentes da família não alimentem de uma forma ou de outra o preconceito racial.

Tive a oportunidade de trabalhar por dois anos numa escola municipal em Maranguape, com educação de jovens e adultos (EJA). As turmas eram de ensino fundamental e tinham em média vinte e cinco alunos com idades entre 18 e 40 anos. Nesse final de ano, por ocasião deste trabalho, fiz um questionamento em sala de aula sobre o racismo. Os resultados corroboraram a concepção da maioria das pessoas sobre preconceito racial, conforme os pontos salientados abaixo:

- a maioria dos alunos, incluindo alguns negros, argumentou que o assunto era muito “chato” para ser discutido em sala de aula e que não havia necessidade;

- alguns disseram que não existia preconceito racial ali, pois todos se tratavam muito bem. No entanto, as piadas e frases racistas eram frequentes;

- quando pedi para contarem algum exemplo vivenciado por eles de preconceito racial, dois alunos de características negras falaram sobre casos de terceiros e ainda disseram

que nunca sofreram nenhuma forma de discriminação desse tipo.

- quando indagados sobre quem se considerava negro, para minha surpresa, apenas cinco alunos levantaram a mão. Na verdade, mais da metade da turma pode ser caracterizada como negra em todos os aspectos (traços e cor).

Infelizmente, a maioria dos alunos, senão todos, desconhece a importância dos debates sobre racismo. Como salientado acima, a maioria não se sentiu à vontade para conversar acerca do assunto. Muitos até gostariam de ter se manifestado a favor da igualdade racial, mas não se sentiram à vontade para demonstrar que são vítimas das injustiças raciais.

Dessa forma, pode-se constatar que há uma dificuldade enorme em se debater abertamente sobre o racismo. A maioria dos negros, como consequência do processo de exclusão racial historicamente produzido pelo sistema e tão arraigado na sociedade, tem vergonha e medo de assumir sua negritude. Temem acirrar o preconceito contra si e acabam deixando as coisas como estão, o que contribui para a manutenção da discriminação racial.

Entende-se, então, que uma despreocupação com a questão da convivência multiétnica, quer na família, quer na escola ou na comunidade, concorre para a construção de indivíduos preconceituosos e discriminadores. A ausência de um questionamento crítico sobre essa questão pode levar inúmeras crianças e adolescentes a cristalizarem aprendizagens baseadas, muitas vezes, no comportamento acríptico dos adultos à sua volta. A escola torna-se, portanto, fundamental na identificação e no combate ao racismo e/ou a sua perpetuação na sociedade.

Eu, particularmente, não me considero racista. Por influência da mídia e da mundialização do preconceito racial, pode até ser que eu tenha a tendência de querer me basear sempre, por exemplo, no padrão de beleza europeu e/ou norte-americano, como a maioria da população brasileira, ou mundial, tende a fazer. No entanto, explicitar esse pensamento sobre o que é bonito e/ou feio entre amigos, parentes e na comunidade pode ou não ser perigoso, dependendo da maneira como o assunto é abordado. Se de forma negativa, pode solidificar ainda mais a idéia de superioridade racial pregada pelos europeus e norte-americanos.

Seria, no entanto, uma contradição da minha parte ser racista explicitamente, dada a mi-

nha parcela de ascendência negra. E não é só isso, eu sempre procurei entender e respeitar o ser humano na sua totalidade, independentemente de sua cor. Minha mãe teve papel fundamental na transmissão dessa concepção para os filhos. Eu sempre soube que, embora minha pele seja branca, alguns traços meus evidenciam negritude. Meu cabelo, por exemplo, até os 12 anos era bem liso, mas com a passagem para a adolescência ficou grosso. Minha mãe explicou-me que essa mudança nos cabelos se deu por uma questão hormonal e de raça. Isso fez até com que eu fosse alvo de chacotas por parte de alguns amigos na escola e na comunidade, o que me deixava muito irritado durante toda a minha adolescência. Com o tempo, relevei esses comentários, e dificilmente essas brincadeiras se repetiam, pois procurava também não fazê-las com pessoas negras. Em casa, meus irmãos se referiram a mim, certa vez, como pertencente à "raça de cabra", fazendo referência à idéia de mistura/impureza racial, ou seja, que eu não era totalmente branco nem totalmente negro. Logo minha mãe interveio criticando o tom da brincadeira, salientando que essa expressão pejorativa é de cunho racista e que todos em casa compartilhavam do mesmo sangue. Brincadeiras do tipo não mais aconteceram.

Tenho muitos amigos negros e me relaciono bem com todos, inclusive fiz uma entrevista informal com alguns deles, no intuito de saber como encaram a questão do racismo. Entrevistei separadamente cinco amigos com idades entre 20 e 32 anos. Três deles são negros de traços e de cor, e dois são negros apenas de cor. A experiência foi muito interessante e reforçou meus conhecimentos sobre como os negros são orientados ou direcionados na sociedade para encarar o racismo. Alguns aspectos gerais da entrevista estão listados a seguir:

- a primeira pergunta que fiz foi para saber se eles se consideravam negros. Três dos entrevistados, negros de traços e de cor, responderam que sim. Um dos negros de cor disse que era moreno claro. O outro com a mesma característica disse que não sabia ao certo se era negro, pois seu cabelo não era "ruim";

- para o entrevistado que respondeu que sua cor era morena clara, perguntei se essa condição o fazia menos alvo do preconceito; ele respondeu que sim;

- perguntei de que maneira o preconceito se manifestava. Todos revelaram que já

sofreram discriminação racial na família, da parte de pais, tios, primos e/ou parentes mais distantes;

- curiosamente, os três negros de traços e de cor citaram as freqüentes brincadeiras de mau gosto dos amigos na comunidade e mencionaram também a escola como espaço para esse desrespeito;

- quando indagados sobre as perspectivas de melhora na diminuição do preconceito, todos concordaram que o racismo é um problema que não terá fim a curto prazo, por mais que a situação talvez pareça caminhar a favor disso;

- pedi que sugerissem ações que, segundo eles, seriam importantes para minimizar o preconceito. Dois deles citaram a família como ponto de partida na erradicação do preconceito, e os demais falaram que a idéia de respeito às raças deve começar na escola.

Um grande desafio que se apresenta para a sociedade brasileira na questão do racismo é o fato de as pessoas se negarem a reconhecer que ele existe e é real. Ao agirem dessa forma, as pessoas contribuem para a manutenção do preconceito, exercendo-o explícita ou implicitamente de várias maneiras. Num país de maioria negra, como o Brasil, a discussão sobre as relações raciais é uma necessidade para a promoção da democracia. É preciso minorar o processo crescente de subordinação social e de miséria exacerbada que atinge, sobretudo, a comunidade negra. Nas escolas primárias, por exemplo, a maioria dos professores se nega a falar sobre o assunto, encarando-o como irrelevante ou constrangedor e às vezes até negando que ele exista em sua sala de aula ou na escola.

O que tenho observado durante a pesquisa e também nos debates na disciplina Sociologia da Educação é que as pessoas nunca dizem que são racistas, mas deixam claro o preconceito racial em conversas e atitudes. Quando elas contam exemplos de racismo, nunca são vividos por elas, mas por terceiros. O grau de preconceito nem sempre é evidenciado, porque as pessoas absorvem sentimentos preconceituosos, muitas vezes sem se dar conta disso. Esse aprendizado se processa na família, na escola, na comunidade, no trabalho, pela mídia etc. Existe uma constante construção cultural e de manutenção do racismo que acaba sendo incutida direta ou indiretamente na mente das pessoas. Elas, por sua vez, explicitam esse sentimento em palavras, outras em ações ou das duas maneiras.

Já ouvi muitas idéias e pensamentos usados por racistas para difundir o preconceito, que, por fim, acabam sendo mencionados com naturalidade pelas pessoas. Piadas como: "Quando é que 'negro' é gente? Quando alguém pergunta se tem 'gente' no banheiro, e o 'negro', estando no banheiro, responde que sim...!". Frases como: "Maria é negra, mas é bondosa e competente...", "A coisa ficou preta!", e xingamentos do tipo: "Esse 'negro' é para ir pro tronco!", são exemplos que ressaltam o ideal racista. As pessoas inferiorizam o negro de forma sutil e às vezes declarada, fazendo com que os outros façam comentários preconceituosos sem perceber a gravidade da situação. Pensamentos e brincadeiras desse tipo, por mais que pareçam inofensivos, concorrem para manter viva a "chama" do preconceito.

Os relatos aqui apresentados contribuíram fortemente para aguçar minha maneira de perceber a discriminação racial. Sempre tive muita dificuldade, como a maioria das pessoas, em conceituar o racismo, se devo relacioná-lo a cor, raça, etnia, enfim.

Durante esta pesquisa, pude analisar vários fatos referentes à discriminação racial, e enquanto os debates em sala de aula aconteciam, meu pensamento sempre se direcionava para minha história de vida. À medida que eu avançava nas leituras e nas entrevistas, procurava fazer um escrutínio na mente no intuito de reformular conceitos. Embora eu sempre tenha procurado evitar qualquer discriminação racial, alguns pormenores que passavam despercebidos precisaram ser revistos. Muito tenho ainda de ler e aprender sobre o assunto, mas me sinto outra pessoa. Quando surgem situações de cunho preconceituoso, meu olhar analítico é lançado agora com maior agudeza.

Mariana Freitas

Nunca havia atentado para o racismo, não me achava racista – todo racista diz que não é racista. Fui criada na periferia de São Paulo e, como em quase toda periferia do Brasil, a maioria da população era negra. Até 10 anos não fazia ponderações sobre o que é ser negro e o que é ser branco; parecíamos todos iguais em sala de aula.

Na adolescência, mais ou menos a partir dos 11 anos, comecei a notar diferentes formas de se tratar as pessoas: fui percebendo qual o lugar de cada um na sociedade. O lugar do negro, aprendi muito fácil, pois começava a en-

tender o que meu pai queria dizer com "isso só podia ser coisa de preto", ou "preto tem sangue ruim, já nasce para ser ladrão". A partir de então, não me chocava ao ver um mendigo negro, um menino de rua negro, ou uma notícia de algum negro sendo preso, encarava como se aquilo fosse normal, aquele era o lugar deles mesmo. Nunca parei para pensar que o negro é excluído; que não tem as mesmas chances que os brancos, estuda menos e trabalha mais, se esforça mais e ganha menos. Nunca havia notado que o preconceito que tenho contra a "macumba", contra a feijoada, contra o pagode na verdade embutia meu preconceito contra os negros, uma vez que essas são "coisas de negros".

Sempre achei meu pai o ser mais racista que conheço, me espantava sua forma de tratar o negro, os xingamentos, as piadas. Achava um absurdo como ele, sendo também negro, podia tratar os negros daquela forma. Nunca presenciei nenhuma atitude mais ofensiva por parte dele a um negro, não diretamente, mas seu preconceito está intensamente presente em suas falas, em seus comentários e até mesmo em sua resposta à entrevista, quando indagado sobre como se via: "Sou moreno, me vejo assim, sou meio amarronzado, meio escuro, mas acho melhor dizer que sou moreno que dizer que sou negro; no Brasil as pessoas aceitam melhor assim". Esse comentário ilustra muito bem a necessidade que o brasileiro tem de se livrar de sua negritude, buscando de todas as formas elementos que a neguem. Para esclarecer, meu pai é o típico moreno jambo, aquele que se "salva" pelo fato de ter o cabelo liso e não ter o nariz achatado.

O Brasil é composto por uma mistura de etnias, as principais são a negra, a européia e a indígena; essa miscigenação fez nascer uma aquarela de cores. Em 1976, o IBGE realizou uma pesquisa pedindo aos entrevistados que definissem sua própria cor. Como resultado foram encontradas 136 cores diferentes que variam desde bem-branca ou alva até sarará ou fogueio, passando pelos vários tons de pele morena, pela cor de burro-quando-foge, pelo azul-marinho e verde.

Apesar dessa diversidade, ser negro no Brasil está ligado a tudo que é ruim. Sendo negra, a pessoa automaticamente passa a ser ladeira, pobre, feia, excluída. Talvez isso explique por que o brasileiro hesita tanto em assumir sua negritude, é exatamente esta justificativa que é dada por meu pai ao se definir como mo-

reno: "No Brasil, se você puder ser moreno dá mais jogo, tem mais chances de ser alguém, se for negro tá perdido".

Algo que me chamou muito a atenção quando mudei para Fortaleza foi a classificação do "negro-mesmo", pois não a conhecia em São Paulo. As pessoas aqui quando se referem a alguém de pele negra, com os cabelos crespos e o nariz achatado, se sentem incomodadas, falam com toda a convicção: "Ele é negro-mesmo". A impressão que fica é a de que tal pessoa não tem mais salvação, está perdida, é negra mesmo, não tem para onde correr. Muitas vezes tal fala vem acompanhada de uma expressão de pena, como se a pessoa que fala não pudesse fazer nada pela pessoa a quem se refere, pois se houvesse algum jeito de salvá-la, alguma característica que a deixasse quase-negra, ou morena bem escura, não precisaria usar termo tão definitivo e pejorativo: negro-mesmo.

Esta é mais uma forma de disseminar o preconceito, através da linguagem; temos certo receio de chamar uma pessoa afro-descendente de negra, geralmente utilizamos eufemismos, como tratar uma pessoa negra de "pessoa de cor", tentando suavizar mas por que tal recusa? Na nossa sociedade a cor está intimamente ligada à etnia, por essa razão sempre nos espantamos quando vemos um negro europeu ou um branco africano. Itani (1998) afirma que, "quando utilizamos o termo pessoa de cor para nos referir a uma pessoa de ascendência africana negra, negamos a existência dos negros como parte da composição da sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que transformamos o negro num grupo social sem identidade clara".

Com tal afirmação voltamos mais uma vez à negação da negritude em nosso país, só que desta vez é por parte dos que se consideram brancos. Esses negam a negritude em nosso país ao não usarem a palavra "negro", buscando sempre termos que a suavizem, ou quando apelam para tal palavra em última instância, em um momento de raiva, usando expressões como: "Só podia ser negro para fazer isso", "Quem este negrinho pensa que é", entre outras.

Outro fato que evidencia o preconceito é o uso de piadas e dizeres que buscam tratar o negro de forma pejorativa, como, por exemplo: "O que é um negro com um real no bolso dentro de um fusca? - Nada, porque negro não é gente, um real não é dinheiro, e fusca não é carro".

Além das piadas, o preconceito se espalha através de apelidos nada carinhosos, usados com frequência na infância, principalmente

em sala de aula, como: fumo de rolo, tição, graúna, chão de garagem, neguinho, negão, nega, negona, tiçãozinho etc.

Todos esses acontecimentos contribuem ainda mais para o mal-estar que sentem os negros em se declarar como tal ou ser classificado assim por terceiros. Por ser comparado com coisa tão ruim como chão de garagem, que geralmente é sujo e feio, o negro se camufla, tenta parecer branco para que assim talvez possa passar despercebido. Com isso o apelo pela transformação da beleza negra em beleza branca se torna cada vez mais forte: é muito mais freqüente o uso de técnicas de alisamento dos cabelos; as mulheres negras buscam perder os traços físicos que mostrem sua negritude fazendo uso de exercícios que diminuam o volume dos quadris, ou até mesmo utilizando-se de cirurgias plásticas para deixar o corpo mais parecido com o ideal de beleza branco. Engano nosso achar que somente as mulheres se sentem mal com a aparência, obviamente sua inaceitação é mais clara, porém os homens também se sentem excluídos em função do aspecto físico. Neles o mal-estar se evidencia ao raspar o cabelo para não admitir os cachos, ao esconder o corpo, por vezes volumoso, em roupas extremamente largas para que assim não se perceba um corpo de negro.

Como havia mencionado antes, fui criada na periferia de São Paulo. Por viver em meio a uma maioria de negros e ser muito jovem, não havia atentado para as diferenças raciais. Na segunda série do ensino fundamental mudei de colégio, fui estudar em uma escola de classe média em um bairro nobre de São Paulo. Nos primeiros anos nada senti, apesar de a partir de então fazer parte da minoria. Sempre fui meio que "jogada pra escanteio" pelas colegas de classe, tal fato também ocorria na escola pública onde estudei os dois primeiros anos, portanto já achava até normal isso ocorrer agora na escola particular, pensava que fosse por minha timidez.

As coisas iam indo relativamente bem até a quinta série, quando as brincadeiras se tornaram mais sérias. Havia poucos morenos em minha sala e negros só lembro de uma menina, que mesmo assim só estudou um ano na minha turma; portanto, em uma sala de maioria branca, os morenos já eram tratados como negros. Aos 11 anos meu corpo começava a tomar forma e meu quadril se tornava muito largo, diferente das outras meninas que tinham pouco quadril e

pernas finas. Era tida como a “nega do rabão”, e, apesar de não ter o cabelo crespo nem o nariz achatado minhas características físicas denunciavam minha negritude.

Fiquei nessa escola até o terceiro ano do ensino médio e sendo sempre discriminada, porque tinha um “rabão”, porque era tímida, porque era pobre. Viviam um enorme conflito, pois em meu bairro era tida como morena, talvez até morena clara, além de ser vista como uma criança “rica”, uma vez que estudava em colégio particular e tinha certas regalias que outras crianças não tinham, como tomar iogurte todo dia, ter uma Barbie, andar sempre arrumada, ter uma sandália da Xuxa etc. Essas que parecem pequenas coisas agora na época eram demais, principalmente para as crianças pobres do meu bairro. Então ficava perdida, não sabia se era pobre ou rica, negra ou morena clara. Já na segunda escola me sentia pobre e me tratavam como uma negra pobre. Lá as meninas sempre tinham mais de três Barbies e ainda tinham o Ken. Claro que o número de Barbies ou Kens apenas não atesta que uma pessoa é rica ou pobre, não para um adulto, mas para uma criança é algo essencial. Essa simples diferença me colocava no meu lugar, sabia que não podia concorrer com as outras meninas, elas sempre tiveram mais valor do que eu, ficava sempre de cabeça baixa e não tinha coragem de falar e dar minha opinião.

E nessa confusão entre ser negra e ser morena clara me assumo hoje como negra, o que agora gera um novo impasse. Quando me perguntam sobre minha cor e digo que sou negra, as pessoas logo se espantam e tentam me convencer do contrário. Para suavizar ou me tranquilizar, não sei muito bem, elas dizem: “Não, você é tão bonita, não é negra, você tem a cor do Brasil”. Não consigo entender muito bem o que é ter a cor do Brasil, não sei que cor é essa, acho até pior ter tal cor, pois ela está marcada pelo estereótipo de mulher produzido pelos turistas. Prefiro mesmo ser negra e sofrer de certa forma por isso, pois, identificando-me assim, não me importa o que os outros pensam e como vão me tratar.

Ludmila Freire

Deparar com a temática do racismo neste momento da minha formação tem sido muito enriquecedor e, por vezes, surpreendente. Confesso não me sentir completamente à vontade

nesse “caminho” de aprendizagem e, sobretudo, de auto conhecimento, mas comungo do pensamento, dito otimista, de que podemos contribuir para a mudança das mentalidades preconceituosas a partir de uma análise de nós mesmos.

Sempre me vi como uma pessoa que não tinha preconceitos raciais, isso se devia ao fato de desde criança me relacionar com pessoas consideradas negras sem maiores conflitos. Lembro-me de, na infância, ter tido uma amiga negra de quem gostava muito; meu pai reclamava dessa amizade por ser “explicitamente” racista, e eu me ressentia de não conseguir ver em sua cor empecilho para nossa amizade. Hoje, pensando melhor sobre aquela época, percebi que, mesmo sendo sua amiga, me envergonhava dela quando estava diante de algumas pessoas. Esse sentimento era comum quando minhas tias nos visitavam. Eu sempre procurava evitar que essa amiga aparecesse, tinha medo dos comentários, tinha vergonha.

Sua cor sempre foi ponto de constrangimento não só entre nós, mas em toda a turma, pois evitávamos fazer qualquer tipo de comentário sobre a raça negra em sua presença. Havia uma brincadeira que fazíamos na qual fingíamos ser os personagens de uma novela de televisão que passava e dizíamos que ela era a Isabel Fillardis, uma atriz negra considerada bonita pela mídia, e então exaltávamos a beleza da atriz para essa amiga, como se estivéssemos fazendo algo bom para ela.

Depois de ler um dos textos sobre racismo (CAVALLEIRO, 1995) no qual a autora coloca que ser negro não é ser lindo ou ser melhor, mas simplesmente algo normal, percebi que a atitude de exaltar as qualidades da atriz era preconceituosa, pois estávamos como que querendo consolá-la por ela ser negra; ela não havia nos pedido nada, penso que só queria ser tratada com o mesmo respeito de todos.

Afinal entendo que o que eu chamava em mim de “não ser racista” é na verdade um sentimento de compaixão com os negros, e isso já é discriminação, pois subentende-se aí a inferioridade dessa raça. Essa complacência com os de pele escura foi alimentada em parte pelo fato de ter deparado algumas vezes com pessoas negras infelizes com sua cor e com suas características físicas.

Recordo-me de uma moça negra que trabalhou como empregada doméstica em minha casa: ela se magoava tanto quando alguém a chamava de doméstica como quando alguém a

chamava ou dizia que ela era negra. Também não aceitava de jeito nenhum suas características físicas, especialmente seus cabelos. Certa vez procurou um salão de beleza para "alisar" os cabelos e o resultado não foi muito bom, pois de modo algum os cabelos pareciam naturais. Todos ficaram rindo e comentando os cabelos dela; ela ficou ainda mais triste, chorou bastante e voltou ao salão para desmanchar o alisamento; fiquei com muita pena.

No geral, sempre evitei chamar de negros os negros com quem convivi. Agora, iluminada por Itani (1998), percebi essa atitude também ser forte preconceito. Demonstra o meu constrangimento em chamá-los do que realmente são, como se isso fosse algo ruim.

Ainda com relação a não chamar os negros de negros, recordo-me de conviver com um grupo de pessoas durante um ano na cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Três dessas pessoas eram negras e costumavam se chamar assim entre si; não havia constrangimento. Mas toda vez que eu tentava fazer o mesmo, tenho a nítida impressão de que não era bem aceita, parecia que aquela palavra só era permitida sem constrangimento entre eles, do contrário, teria sempre uma conotação pejorativa, e, naquele caso específico, essa nunca foi minha intenção. Aliás, lembro-me de um amigo branco ser chamado a atenção por uma moça negra por tê-la chamado assim, disse que ele precisava ter mais respeito.

Concordo que muitas pessoas, ao chamarem alguém de negro, usam de um tom de crítica ou ofensa, mas nem sempre é assim, muitas vezes os que tentam dar o nome de negro aos que são negros de uma maneira natural são taxados de preconceituosos, isso mostra que o preconceito está em todos, mesmo nos próprios negros. Já ouvi várias vezes pessoas negras negando sua cor, ou exaltando-a em demasia, ou, ainda, reclamando dela, mostrando que pensam com preconceito, a diferença é que estes são os que sofrem mais com o racismo.

Mesmo diante de tantas experiências de preconceito vivenciadas e testemunhadas, acredito que essa mentalidade possa ser transformada, pois já percebi em mim mesma bastante mudança, por exemplo, conheci um rapaz negro na faculdade de que mantinha pouca aproximação, mas nos últimos meses, tive oportunidade de conhecê-lo melhor e conversar com ele diversas vezes. Com as discussões em sala sobre esse tema, a leitura dos textos e de alguns artigos capturados na internet, resolvi fazer da in-

teração com ele uma ótima oportunidade de reconhecer posturas racistas em mim e nele e, conscientemente, combatê-las.

Ocasionalmente, se a conversa permite, refiro-me aos negros como negros, já discuti com ele a questão das cotas para negros nas universidades e tem sido muito bom. Não estou afirmando que já é algo totalmente espontâneo e natural, mas vejo aos poucos que meus preconceitos começam a ruir e a disciplina Sociologia da Educação tem proporcionado a construção dessa visão crítica. Então, se aos 22 anos já consigo enxergar as relações raciais assim, tenho certeza de que poderei fazer muito por meus alunos no futuro.

Acredito numa mudança partindo da formação dos professores, em especial os do ensino fundamental e da educação infantil. Estes, dentro de planejamentos em grupo, de preparações individuais de planos de aula, podem inserir momentos de reflexão com as crianças, com os pais, e, mesmo fora desses momentos, tratar as situações de preconceito que aparecem no dia-a-dia da sala de aula com respeito e bom senso.

Gostaria de encerrar o relato colocando que aprendi bastante com as discussões e com os textos sobre racismo nessa disciplina e dizendo, que nem sempre foi fácil, aliás, nunca é fácil, me questionar, olhar para mim, mas vale à pena, pois acabo o semestre enriquecida não simplesmente como a pedagoga que serei, mas como a pessoa que sou.

Eliábia Barbosa

Ao contrário de muitos amigos de sala de aula com os quais tive oportunidade de conversar sobre o assunto, sempre me questioneei a respeito do racismo e de outras discriminações. Sinto-me muitas vezes uma "socióloga sem diploma", tentando compreender a pluralidade e a complexidade das relações sociais.

Desde muito cedo, percebi o quanto somos intolerantes com os "diferentes" e infelizmente continuo presenciando a existência de tal sentimento. Meu caminho percorrido até chegar à universidade, narrado aqui neste ensaio, pode ser usado como uma pequena amostra de minha experiência com esse mal que se propaga em nossa sociedade.

Proveniente de uma família muito pobre, cheguei a passar fome. Fome mesmo! Sentir o estômago vazio, "contorcendo-se", e não ter o

que comer. Cheguei, para os padrões da época, atrasada na escola e talvez por isso minha força de vontade de aprender fosse maior que a de meus colegas.

Assim, fui a primeira aluna a ser alfabetizada na turma. Então, a partir desse fato comecei a sentir na pele a “droga” que é ser discriminada. Eu era aquela criança bem magrinha, negra de nariz achatado e – como diziam – “cabelo pixaim”.

Minha professora, D. Maria Augusta, já falecida, contente com meu avanço, pedia para que eu a auxiliasse com os outros. Em minha inocência, fazia-o com todo gosto, possuía pela felicidade de saber “ler” a cartilha: “A” de avião, “B” de bola e assim por diante.

Porém, não era bem recebida pela maioria da sala. Diziam: “Essa nega besta só quer ser sabida”. E este é o grande dilema que venho carregando durante minha vida: ser uma negra sabida.

Ali, entre aquelas crianças, o sentimento de racismo já havia sido incorporado. Talvez porque em suas casas, na rua ou na escola lhes fora ensinado que não existe negro inteligente, mas “metido a besta”. Inteligência e beleza, segundo nossa cultura racista, são qualidades de pessoas brancas.

Meus questionamentos e minha força de vontade nunca são vistos com bons olhos. Ao me posicionar em relação aos mais diversos temas abordados nos encontros de planejamento ou formação de professores, que hoje acompanho, não é estranho ver as feições de muitos colegas se transformarem. Ficam, como fala nosso povão, “de beijo torcido”. Uma amiga que sempre me acompanha nesses encontros me diz: “Eliábia, se você visse as caras quando você falou”. Tudo isso me leva a me indagar: se eu estivesse dentro dos padrões de beleza vigentes, minha inteligência, ou melhor, minha força de vontade de aprender seria vista positivamente?

Nossa cultura associa negros, e é assim que me considero, com incapacidade. Mas não foi só o sentido negativo de minha inteligência, associado às minhas características físicas, que tive de vivenciar não. Lembro-me de, na segunda série, por ocasião do tão “idolatrado” Sete de Setembro, querer me candidatar para a escolha das “princesas” para o desfile na avenida. Minha professora disse que eu não poderia. Ao me virar para o lado, observei as concorrentes: eram “loirinhas”, cabelos lisos, narizes afilados. Ela não precisou dizer mais nada. Entendi o

quanto era “diferente” das outras e... não teria chances. Fui para meu canto, eu era “feia”.

Depois, nas filas de empregos, não foi diferente. Os anúncios pediam: “Moças com o primeiro grau completo, que saibam datilografia e tenham boa aparência”. Eu possuía os dois primeiros requisitos, mas barravam-me pela falta do terceiro, a bendita “boa aparência”.

Eu precisava trabalhar, meu pai tinha nos abandonado recentemente e a crise era grande. Comecei a fazer “bicos” e assim perdi um ano do segundo grau. Para conseguir a vaga, um novo preconceito: “Você está fora da faixa, deve estudar à noite”. Mas como eu chegaria à escola à noite? Com a ajuda de alguns ex-professores consegui retornar.

Nas caronas que pegava para chegar até a escola, algumas propostas: “Você não quer trabalhar na minha casa? Estudo não tem futuro para pobre”. Porém, nem todos eram assim, e aqui desejo registrar as abençoadas caronas do “homem da sopa”, do “homem da bolacha”, “do funcionário do posto Paviter”, do “Sr. Valdir” e do “Sr. Jacaúna”, este último me deixava entrar em seu carro “zero quilômetro”, toda molhada da chuva.

Quando a carona não vinha, tinha de ir a pé mesmo. São muitos quilômetros de minha casa, no bairro Cauaçu – Eusébio, até a Escola Paulo Benevides, em Messejana. Nesses dias é que o constrangimento era grande. Chegava lá “pingando suor”, com meus “cachos pixaim” todos “arrupitados” e a pele cinzenta de poeira. Era motivo de chacota de alguns: “Que menina malamanhada”.

Eis o grande defeito de nossa humanidade, não ser capaz de perceber as “entrelinhas” e se prender apenas às aparências. Por trás da “malamanhada” havia todo um contexto. Um ser que lutava por sua melhoria de vida. As pessoas, nem todas, acham que não temos o direito de melhorar de vida.

Por algum tempo, confesso, entreguei-me a esse pensamento e desisti da luta. Concluindo o terceiro ano de contabilidade, o que já era considerado grande vitória para os moradores de meu bairro, consegui o tão sonhado emprego.

“Você vai ganhar um salário mínimo”, disse meu patrão ao me contratar. O que eu queria mais? Ali aprendi muito, alguém olhou para minha capacidade e não para a “aparência”. Eles eram estrangeiros e confiaram sua loja a mim: pobre, inexperiente, feia. Será que o preconceito me dava uma trégua?

Creio que não soube aproveitar a chance que o destino me deu. Mesmo ganhando pouco, poderia ter investido em mim o pouco que restasse. Acomodei-me e “hibernei” durante dez anos em meu sonho de um dia ser uma “doutora” pela Universidade Federal do Ceará. Só acordei quando perdi o emprego. Estava casada e já tinha um filho. As coisas agora iam ser mais difíceis, imaginava eu. Mas ao mesmo tempo também pensava: agora é que eu devo lutar.

Ao olhar para meu filho, negro como eu, me senti na obrigação de lhe deixar uma mensagem de vida: “Por mais difícil que seja nossa vida, de pobre, negro, feio, é possível vencer sim”. Você deve fazer seu caminho.

A experiência com a (EJA) educação de jovens e adultos foi um fato marcante na minha vida ver aquelas pessoas ali, na minha frente, desprovidas da mínima condição para exercer sua cidadania, saber ler e escrever ou “assinar seu nome”, como me diziam, impulsionou minha volta aos estudos. A sociedade letrada os excluía. Elas me deram força, a força que eu tinha deixado adormecer.

Como o “social” é minha paixão maior, resolvi aliá-lo ao amor pela educação. Fui para o cursinho, esbarrei com jovens que me olhavam “meio torto” eu era a mais “velha”. Dez anos fora de sala, eu não sabia mais de nada. Muitas vezes tive vontade de sair correndo dali.

O vestibular veio. Como era o meio do ano, tentei Universidade Estadual do Ceará (Uece) por duas vezes e não passei. Uma tentativa na UFC e nada, nem primeira fase. Nas filas para as provas, a marca de minha pobreza. Escutava as pessoas das escolas de “elite” falarem em assuntos que nunca ouvira falar na escola. Nunca soube o que é uma escola particular, sempre estudei em escola pública. Fora os *slogans*: “Passo porque sei”; “Passo porque posso”. Eles me arrasavam. E a assistência que os alunos recebiam? E eu só queria era o material que eles distribuíam, “a sacolinha”, para eu poder estudar em casa.

Não dispondo mais de dinheiro para pagar um cursinho, fiquei estudando em casa e, envolvida na problemática da educação, decidi tentar Pedagogia. Consegui livros e apostilas emprestadas, estava empolgada, estudava na madrugada (e continuo até hoje), é o melhor horário. Alguns diziam: “O que tu quer com a UFC? Ali é lugar de rico. Só passam os ricos”. Disse para mim mesmo: não vou deixar nunca mais o racismo me vencer. Eu vou conseguir sim!

Estou aqui e creio que esta etapa é só a primeira para a concretização do antigo sonho. Não tem sido fácil, tenho de trabalhar, cuidar de casa, filho e marido, estudar e, por incrível que pareça, enfrentar “ainda” alguns “olhares enviesados”, quando educadamente cumprimento as pessoas aqui, na faculdade: bom-dia! Talvez passe pela cabeça deles: o que ela faz aqui?

O mesmo, felizmente, não acontece quando chego à sala de aula. Pelo contrário, muitos de meus colegas dizem ver em mim um exemplo para as suas vidas. Aqui meu esforço, minha inteligência de negra são valorizados, porque o negro também pode ser inteligente e é. Se sei, compartilho; se não sei, vamos atrás. Digo sempre para eles que devem valorizar o lugar que conquistaram e falo dos tantos que, assim como eu, lutam para chegar aqui.

Minha família, inclusive minha mãe e meu esposo, foram fundamentais. Para eles, sou a negra mais linda e mais maravilhosa do mundo. Conversando com eles, ainda nos perguntamos: “E se você estivesse em um outro curso, onde predomina a classe dominante? Teria a mesma aceitação? Como é visto o curso de Pedagogia?”.

É a essência do homem que deve ser vista, nós, negros brasileiros, demos através de nossos antepassados uma enorme contribuição para a construção deste país. E continuamos a fazê-lo dia a dia. Isso deveria ser o mais importante.

Comentários finais

Embora nem todas as narrativas acima chamem a atenção para a compreensão que tinham os autores acerca do tema antes dos debates na disciplina Sociologia da Educação, todas elas expressam certo senso crítico sobre relações raciais no Brasil. Não é meu propósito aqui analisar profundamente cada depoimento, mas, antes de tudo, apresentar os frutos provisórios da disposição de enfrentar assuntos problemáticos e controversos da perspectiva da experiência de cada um. Para que se avalie o que se aprendeu sobre a cultura brasileira durante a disciplina, particularmente sobre as relações raciais, basta dizer que nas primeiras discussões praticamente ninguém – independentemente da cor ou raça – reconhecia a existência do preconceito racial. À medida que as minhas indagações em sala de aula e a leitura

dos textos selecionados apresentavam as características do racismo à brasileira, não havia como evitar repensar as relações raciais num diálogo entre suas histórias e os textos lidos que, creio, será de muita utilidade nas suas futuras práticas profissionais. Como dizem Ronaldo e Ludmila, a disciplina Sociologia da Educação foi apenas o ponto de partida de uma prática de reflexão sobre a realidade na qual estão inseridos. Desnaturalizar tal realidade e “investir teoria” na sua compreensão são fundamentais para uma prática docente que não se contenta apenas em reproduzir as ideologias que promovem o preconceito e a discriminação.

Referências bibliográficas

BESERRA, B. Keeping the flame: Brazilian Gaúchos in Los Angeles. *Brazil*, v.10, n. 156, p. 26-27, 1998.

_____. *Brazilian immigrants in the United States: cultural imperialism and social class*. New York: LFB Scholarly Publishing Inc, 2003.

_____. Are Brazilians Latinos: some thoughts about the inclusion of Brazilians in the US Latino world. In *Conference on South American Immigration to the United States: the*

Post-War Period, Latino Studies/University of Miami, 2004.

_____. From Brazilians to Latinos: racialization and latinidad in the making of the Brazilian Carnival in Los Angeles. *Latino Studies*, v. 3, n. 1, 2005.

BESERRA, B.; ANDRADE, J. A escola e o discurso da diferença; o caso de uma escola de 1º grau em Fortaleza. *Educação em Debate*, Fortaleza, v. 21 n. 41, 2001.

FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. São Paulo: Record, 2002.

ITANI, A. Vivendo o preconceito em sala de aula. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Diferenças e preconceito na escola*. São Paulo: Summus Editorial. 1998.

MAGGIE, Y.; FRY, Peter. A reserva de vagas para negros nas universidades brasileiras. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004.

SODRÉ, M. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, P. A. O. *História da escravidão no Ceará: das origens à extinção*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

TELLES, E. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

Universidade Federal do Ceará
Faculdade de Educação
Departamento de Fundamentos da Educação
Disciplina: Sociologia da Educação
Professora: Bernadete Beserra
Código: PB - 065 Período: 2004-2
Créditos: 4
Horas: 60

Ementa

Questões de Sociologia da Educação. Anthony Giddens: Globalização e Modernidade. Pierre Bourdieu: Escola e Diferenciação Social. Raymond Williams e Zygmunt Bauman: Cultura e Legitimidade Social.

Objetivo

A disciplina tem como objetivo explorar os desdobramentos contemporâneos da teoria sociológica clássica na interpretação de análises da educação na sociedade brasileira.

Programa

1. Educação e Sociedade
 - 1.1. Educação e Cultura: legitimidade social
 - 1.2. Educação e Violência Simbólica: reprodução social
- 2.0. Educação e Sociedade no Brasil
 - 2.1. Educação e Multiculturalismo
 - 2.2. Educação, Exclusão e Transformação

Social
2.3. Educação e Globalização

Bibliografia

- ALVES, Rubem. *A escola da ponte* (crônicas). In Correio Popular, Campinas, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1992.
- CHOMSKY, Noam. *Novas e velhas ordens mundiais*. São Paulo: Scritta, 1996.
- FORQUIN, Jean Claude. *Escola e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- IANNI, Octavio. *Dialética das relações raciais*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. *Sobre o óbvio. Encontros com a Civilização Brasileira*, n. 1, 1978.
- SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2003.

ANEXO 2

1. Nome
2. Idade
3. Local de nascimento
4. Profissão dos pais
5. Grau de escolaridade do pai
6. Grau de escolaridade da mãe
7. Qual a sua cor?
8. Por que você acha que é dessa cor?
9. Qual a cor do seu pai?
10. Qual a cor da sua mãe?
11. Qual a cor do seu avô paterno?
12. Qual a cor da sua avó paterna?
13. Qual a cor do seu avô materno?
14. Qual a cor da sua avó materna?
15. Você acha que sua cor/raça influencia no que você é ou no que você faz? Explique.
16. O que você acha do sistema de cotas?
17. Você tem qualquer experiência (sua ou de terceiros) com preconceito ou discriminação de cor (racial)?